

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	15
PREÂMBULO	17
NOTA PRELIMINAR.....	21
INTRODUÇÃO GERAL – HISTÓRIA E HISTÓRIAS.....	23
PRIMEIRA PARTE – HISTÓRIA E FICÇÃO EM PAUL RICCEUR	
CAPÍTULO I. SOB O SIGNO DA VERDADE	35
1. Objetividade e Subjetividade em história.....	45
2. Interpretação e verdade.....	53
CAPÍTULO II. EXPLICAÇÃO HISTÓRICA E COMPREENSÃO NARRATIVA .	59
1. Explicar e compreender: texto, ação e história.....	63
2. História e narrativa	75
2.1. O eclipse da narrativa.....	76
2.1.1. Historiografia francesa: contra o acontecimento e a narrativa.....	77
i) Raymon Aron: a “dissolução do objeto”.....	80
ii) H. I. Marrou e a compreensão do outro.....	81
iii) A escola dos Annales e a nova história.....	84
iv) Marc Bloch: testemunho e análise.....	89
v) Fernand Braudel e a “longa duração”.....	92
2.1.2. Modelo nomológico: contra a compreensão narrativa.....	103
i) Carl Hempel e as leis gerais em história.....	103
ii) Charles Frankel e a interpretação.....	109
2.1.3. Críticas e alternativas ao modelo nomológico.....	112
i) William Dray e a explicação fora da lei.....	112
ii) A explicação histórica de Georg Wright.....	119

2.2. O ressurgimento da narrativa: as teses narrativistas.....	123
i) A. Danto: as "frases narrativas" da história.....	124
ii) W. Gallie: <i>Story</i> e <i>history</i> à luz do conceito de <i>followability</i>	129
iii) L. O. Mink: compreensão histórica como configuração ou apreensão.....	141
iv) Hayden White: explicação por composição da intriga.....	153
v) Paul Veyne: a escrita da história.....	164
2.3. Explicação e compreensão: um balanço.....	174
3. Intencionalidade histórica: dialética explicação/compreensão.....	182
3.1. Imputação causal e imaginação: <i>quasi</i> -intriga.....	184
3.2. As entidades da história: <i>quasi</i> -personagens.....	194
3.3. Tempo histórico e tempo narrativo: <i>quasi</i> -acontecimento.....	199
4. Repercussões das teses de Ricœur.....	207
CAPÍTULO III. HISTÓRIA E FICÇÃO: POR UMA POÉTICA DO TEMPO.....	217
1. Narrativa, a guardiã do tempo.....	219
1.1. Teoria geral da narrativa: <i>mimesis</i> , <i>mythos</i> e <i>praxis</i>	225
1.2. O tempo narrado pela história e pela ficção.....	237
1.2.1. Heterogeneidade: resposta às aporias do tempo.....	239
1.2.1.1. A poética do tempo histórico.....	240
i) O tempo do calendário.....	241
ii) A sequência das gerações.....	244
iii) Os arquivos, documentos e traços.....	248
1.2.1.2. Tempo ficcional: as variações imaginativas.....	252
i) A neutralização do tempo histórico.....	253
ii) Variações imaginativas sobre a falha entre tempo vivido e tempo cósmico.....	256
iii) Variações sobre as aporias internas da fenomenologia.....	259
iv) Variações imaginativas e "tipos-ideais".....	260
1.2.2. Paralelismo: representância e leitura.....	260
1.2.2.1. A realidade do passado histórico: a noção de representância.....	260
i) Sob o signo do Mesmo: imaginação histórica e "reenactement" em Collingwood.....	263
ii) Sob o signo do Outro: Dilthey (o outro), Veyne (a diferença), De Certeau (o afastamento).....	270
iii) Sob o signo do Análogo: H. White e a teoria dos tropos.....	274
1.2.2.2. Mundo do texto e mundo do leitor: leitura e refiguração.....	283
i) Da poética à retórica.....	285
ii) A retórica entre texto e leitor.....	287

iii) Fenomenologia e estética da leitura.....	288
A) Fenomenologia do ato individual de ler.....	289
B) Hermenêutica da recepção pública de uma obra... ..	292
1.2.2.3. Dialéticas da refiguração: afinidades com a representância.....	295
1.2.3. Entrecruzamento de história e ficção.....	297
1.2.3.1. Ficcionalização da história: imaginação, metáfora, imagem.....	299
1.2.3.2. Historicização da ficção: tempo verbal e verosimilhança.....	307
1.3. Notas finais.....	310
CAPÍTULO IV. REPRESENTAÇÃO E FICÇÃO.....	313
1. Representação mnemônica.....	319
1.1. O documento como prova científica.....	325
2. Representação como objeto de compreensão/explicação: variação de escalas.....	338
3. Representação literária.....	352
3.1. Representação e narratividade.....	354
3.2. Representação e retórica: a questão do referente.....	359
3.3. Representação e imagem: a dialética do ler e do ver.....	368
3.4. Representação como representância.....	374
4. A hermenêutica da condição histórica do homem.....	381
5. História e Ficção: síntese e outras perspectivas (Pomian e Jauss).....	384

SEGUNDA PARTE - HISTÓRIA E FICÇÃO EM TUCÍDIDES

PRÊAMBULO: A PERENIDADE DA HISTORIOGRAFIA CLÁSSICA.....	399
CAPÍTULO I. TUCÍDIDES, MESTRE DE VERDADE.....	411
1. Tucídides e Heródoto.....	419
2. Condições do surgimento da história: grandiosidade, imortalidade e política..	424
3. <i>Historie</i> e <i>syngrapho</i>	431
4. <i>Ktēma es aei</i>	444
5. Os discursos.....	462
6. Tucídides cientista ou artista? Entre objetividade e subjetividade.....	476
6.1. O historiador íntegro e o artista intenso.....	488
CAPÍTULO II. PREFIGURAÇÃO, CONFIGURAÇÃO E REFIGURAÇÃO DA HISTÓRIA DA GUERRA DO PELOPONESO.....	501
1. Prefiguração: testemunhos e documentos.....	501
1.1. Supremacia da observação direta e das testemunhas oculares.....	506
1.2. História do presente e história do passado: testemunhos e indícios.....	511

1.3. História e memória.....	517
1.4. <i>Semeion</i> e <i>tekmerion</i>	522
2. Configuração narrativa e explicação.....	528
2.1. Unidade narrativa e causalidade.....	532
2.2. Processo e causalidade.....	538
2.2.1. Tempo e acontecimento.....	543
2.2.2. Processo e estrutura.....	546
2.3. Tucídides e Aristóteles, a propósito de história e <i>poiesis</i>	549
3. Refiguração e retórica: do “ver-como” ao “fazer ver”.....	566
3.1. Refiguração e leitura.....	566
3.2. “Ver-como” trágico.....	573
3.3. “Fazer ver” o passado.....	576
3.3.1. A vividez do discurso de Tucídides – <i>enargeia</i> e <i>ekphrasis</i>	582
CONCLUSÃO.....	597
BIBLIOGRAFIA	
Ricœur.....	601
Tucídides.....	611
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	621
ÍNDICE DE ASSUNTOS.....	631

PREFÁCIO

Este trabalho, marcado por um grande entusiasmo científico e uma investigação muito séria e rigorosa, sobre a novidade do conceito de narrativa histórica de Paul Ricœur, tem como eixo central a relação entre narrativa histórica e verdade de facto nas concepções históricas de Tucídides e Ricœur. A grande questão que alimenta todo este trabalho científico é a seguinte: sendo a poética histórica uma mimese da ação humana, será que ela se reduz, contra as teses do positivismo histórico, a mero artefacto literário? Qual o verdadeiro contributo de Paul Ricœur para uma mediação entre as duas teses mais célebres sobre o discurso histórico: ciência ideográfica ou nomotética?

Se a grande tese de Ricœur é a de que a história é um discurso que visa sempre, através de um método científico e crítico, a verdade dos factos, embora não possa dispensar a imaginação, como compreender a relação entre história e ficção em Tucídides? São as categorias da mimese I, II e III de Ricœur que Martinho Soares aplica a Tucídides, no sentido de com elas apreender, testar e compreender a dimensão da prefiguração – valorizando a história e a memória, o *semeion* e o *tekmerion* –; a da configuração narrativa, que implica uma reflexão sobre ação e tempo humano, condensado na narrativa – o que torna pertinente a aproximação Tucídides/Aristóteles –; e, finalmente, a da refiguração, pela qual ao leitor é feito ver o passado como um “tua res agitur”, quiçá, de dimensões trágicas.

O autor chega, naturalmente, no seu discurso reflexivo e na sua investigação à inevitável dimensão retórica da narrativa histórica – o que, de resto, a aproxima da narrativa dramática. A sua reflexão e escrita partem de um trabalho sério de investigação, a que não faltou uma vasta pesquisa bibliográfica e uma apurada leitura.